

DE TOPÔNIMOS A NOMES DE PANOS NO PORTUGUÊS: CONTRIBUTOS À HISTÓRIA DO LÉXICO TÊXTIL

FROM TOPONYMS TO TEXTILES NAMES IN PORTUGUESE:
CONTRIBUTIONS TO HISTORY OF THE TEXTILE LEXICON

DE TOPÓNIMOS A NOMBRES DE TELAS EN PORTUGUÊS:
CONTRIBUCIONES A LA HISTORIA DEL LÉXICO TEXTIL

*Jozimar Luciovanio BERNARDO**

*Rayne Mesquita de REZENDE***

Resumo: Neste artigo, selecionamos seis denominações têxteis procedentes de topônimos, inventariadas do *corpus* do “Dicionário Histórico do Português do Brasil - Séculos XVI, XVII e XVIII”, no intento de investigar se tais unidades lexicais indicam, necessariamente, a origem dos tecidos que nomeiam ou se há outros fatos/motivações envolvidos nos processos denominativos. Retomamos os significados de cada palavra a partir de dicionários da língua portuguesa, antigos e atuais, e valem-nos, também, de dicionários de língua estrangeira, etimológicos, glossários, monografias etc. para guarnecer e fundamentar as análises. Percebemos que as denominações não se limitam a indicar propriamente o local de origem do fabrico dos tecidos, pois podem sinalizar o local de difusão. A importância referencial que topônimos adquiriram por meio de um produto, por exemplo, torna-os propensos a serem emprestados para denominá-lo, de modo que atrelados aos nomes há o contexto, o valor e a notoriedade do produto.

Palavras-chave: Tecidos; Vocabulário; Dicionários; Topônimos; DHPB.

Abstract: In this article, we have selected six textiles names coming from toponyms, inventoried from the *corpus* of the “Dicionário Histórico do Português do Brasil - Séculos XVI, XVII e XVIII”, in order to investigate whether such lexical units

* Graduado em Letras Português e Inglês e mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás; doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, com bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: jozimarbernardo@yahoo.com.br.

** Graduada em Letras Português e Inglês e mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás; doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, com bolsa de estudos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: raynemesquita@hotmail.com.

necessarily indicate the origin of the fabrics or if there were other facts / motivations involved in the denomination processes. We consulted the meanings of each word from old and current Portuguese dictionaries, and we also use foreign language dictionaries, etymologies, glossaries, monographs, etc. to complement and substantiate the analyses. We understand that the denominations don't merely indicate the place of origin of the fabric manufacture, as they may indicate the place of diffusion. The referential importance that toponyms have acquired through a product, for example, makes them likely to be borrowed to name it, so that context, value, and notoriety of the product are related to names.

Keywords: Fabrics; Vocabulary; Dictionary; Toponyms; DHPB.

Resumen: En este artículo, hemos seleccionado seis nombres de telas derivados de topónimos, inventariados del *corpus* del “Dicionário Histórico do Português do Brasil - Séculos XVI, XVII e XVIII”, para investigar si tales unidades léxicas indican necesariamente el origen de los tejidos que nombran o si hay otros hechos / motivaciones incluidos en los procesos de denominación. Tomamos el significado de cada palabra de los diccionarios de portugués antiguos y actuales, y también utilizamos diccionarios de idiomas extranjeros, etimologías, glosarios, monografías, etc. para complementar y corroborar los análisis. Nos damos cuenta de que las denominaciones no se limitan a indicar el lugar de origen de la fabricación de la tela, ya que pueden indicar el lugar de difusión. La importancia referencial que los topónimos han adquirido a través de un producto, por ejemplo, hace que sean prestados para nombrarlo, de modo que ligado a los nombres están el contexto, el valor y la notoriedad del producto.

Palabras clave: Telas; Vocabulario; Dicionarios; Topónimos; DHPB.

Introdução

Produtos da tecelagem a partir de vários materiais e técnicas, os têxteis remontam há milênios, compondo o vestir do corpo e da casa e destinados aos mais diversos fins, utilitários, práticos, ornamentais etc. Assim, os tecidos foram difundidos pelo mundo para satisfazer as demandas e os gostos de diferentes grupos sociais, o que gerou intercâmbios comerciais e linguísticos e figurou um rico e amplo repertório lexical nas línguas.

Neste artigo, selecionamos seis denominações têxteis procedentes de topônimos, inventariadas do *corpus* do “Dicionário Histórico do Português do Brasil - Séculos XVI, XVII e XVIII”, no intento de investigar se tais unidades lexicais indicam, necessariamente, a origem dos tecidos que nomeiam ou se há outros fatos/motivações envolvidos nos processos denominativos.

Retomamos os significados de cada unidade lexical a partir de dicionários de língua portuguesa¹ dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Quando registradas pelos lexicógrafos, observamos as informações acerca da procedência e motivação dos nomes. Valemo-nos, ainda, de outras referências (dicionários de língua estrangeira, dicionário etimológico, glossários, livros, artigos, teses etc.) para guarnecer e fundamentar as análises.

Idealizado pela Prof.^a Dr.^a Maria Tereza Biderman, o projeto do “Dicionário Histórico do Português do Brasil - Séculos XVI, XVII e XVIII” (doravante DHPB) foi concluído sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Clotilde Murakawa, concretizando mais de 10.000 verbetes numa substancial e ainda inédita obra da lexicografia brasileira (MURAKAWA, 2015). Com cerca de 10 milhões de ocorrências, o banco de dados do DHPB compreende textos de gêneros vários, produzidos no Brasil e escritos sobre o Brasil por portugueses no período colonial. Precisamente, o recorte temporal data de 1500, com a Carta de Pero Vaz de Caminha, até 1808, quando a família real portuguesa aportou na Colônia.

1 Memória lexical e lexicográfica

A princípio, ressaltamos que as mudanças linguísticas se dão em todo o sistema da língua, mas o lexical é o nível que se modifica de modo mais profundo, uma vez que espelha e conforma linguisticamente a realidade material, abstrata e social, ou seja, é representativo do patrimônio sociocultural de uma comunidade. Partilhamos, então, da concepção de Biderman (2001, p. 14) de que o léxico de uma língua natural é um modo de registrar o conhecimento do universo e “[...] pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”.

Temos ciência de que no estudo do léxico de uma língua de cultura

[...] nunca será possível reconstituir todas as fases por ele percorridas e destrinçar a contribuição das muitas gerações que nele colaboraram

¹ Quais sejam: Bluteau (1712-1728); Silva (1789, 1813, 1949-1959); Vieira (1871-1874); Figueiredo (1899); Ferreira (1986, 2004) e Houaiss (2009).

até se constituir o magno edifício que hoje se nos depara nos grandes dicionários modernos (PIEL, 1989, p. 9).

Todavia, é plausível empreender esforços para investigar a veiculação das palavras e, desse modo, apreender, por exemplo, contribuições de outras línguas ao léxico do português. Dessa forma, admitimos que

[...] a memória lexical e lexicográfica de uma língua constitui um dos fundos patrimoniais mais interactivos. Garante, por um lado, a ligação com o texto e a mensagem do passado [...]. Por outro lado, dá continuidade e assegura, entre os grupos humanos, uma identidade linguística (VERDELHO, 1995, p. 138).

Entre os inúmeros nomes de tecidos identificados no *corpus* do DHPB, as unidades lexicais (doravante, UL) **damasco**, **guimarães**, **lona**, **londres**, **tabi** e **osteda** nos instigaram a perscrutá-las na memória lexical e lexicográfica da língua portuguesa no percurso da sua constituição histórica, com o propósito de dar contributos ao conhecimento da história do léxico têxtil.

Desta feita, partindo do princípio de que o topônimo é uma fonte de análise linguística diacrônica e, também, sincrônica nos diversos níveis da língua – fonético, morfológico, lexical e semântico – selecionamos os tecidos homônimos aos nomes de lugares.

2 De topônimos a nomes de panos: recuo ao passado, ecos no presente

Concorde ao explanado no tópico anterior, a vastidão do sistema lexical de uma língua deve-se à necessidade de comunicação do homem. A importância do nomear reside na cognição do mundo que nos cerca. Como prova de nossa capacidade de identificação de objetos, seres, lugares, sentimentos, ações, atribuímos nomes a estes. Logo, as características de cada elemento (seres animados e inanimados, objetos, sentimentos, ações, lugares etc.) a ser nomeado determinarão a função (significativa ou referencial) que será conferida a esse nome.

Com efeito, a vinculação entre a rotulação e a legitimação da existência de um ser, objeto ou sentimento não se restringe ao léxico

geral. Torna-se bem mais evidente na esfera dos **nomes próprios** (topônimos e antropônimos) que, ao designar/rotular lugares e pessoas, adquirem o *status* de termos específicos da Onomástica. Sobre esta transição, Seabra (2004, p. 38, grifos da autora) explica:

À Onomástica interessa o nome - distinto da palavra - pois pressupõe um nomeador e um nomeado, uma representação externa à qual ele se une: “o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorpora a função referencial, sobre o que recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo”. [...] Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o nome e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes.

Consoante à afirmação da autora, entendemos que não se trata de um signo/palavra diverso, em cada esfera (onomástica e léxico geral). O que caracterizará esse signo/palavra é a forma como será utilizado(a). É na função delegada ao este que podemos detectar tais especificidades: o **signo em função linguística** é, segundo Guiraud (*apud* DICK, 1990), um símbolo, uma associação artificial entre a ideia e a palavra, que não identifica as coisas, mas alude ao conceito/coisa ao qual foi cultural e socialmente convencionado o signo.

Em **função onomástica**, o signo será naturalmente associado às imagens ou ícones, que possuem uma relação de semelhança com a realidade exterior, por apresentarem as mesmas propriedades que o objeto denotado.

Na explicação de Mill (*apud* DICK, 1987, p. 6) para a diferença entre os nomes próprios e comuns, a causa para a oposição entre as unidades lexicais e os onomas está em seu emprego. Percebemos, então, que os nomes comuns contêm propriedades designativas e significativas. Em contrapartida, os nomes próprios têm propriedades designativas e referenciais.

Estas últimas são as que distinguem, num primeiro momento, o signo toponímico dos demais signos do léxico. Para que seja feita referência a um espaço, elemento físico que exige uma descrição diferente das unidades lexicais providas de significado, precisamos,

então, de atribuir-lhe um designativo que permita a alusão entre o lugar e o onoma.

Soma-se à diferença das funções entre uma unidade do léxico comum e o onoma (antropônimo e topônimo) o fato de este ser um signo não-arbitrário, opaco e de função referencial (DICK, 1990). Na medida em que o processo de denominação de um lugar não acontece de forma aleatória, uma série de fatores físicos e socioculturais engendra a seleção, aceitação e permanência de um nome para um lugar, compondo a marca principal do topônimo, que é a de ser um signo motivado.

Os adjetivos “opaco” e “referencial” qualificam o conjunto de oposições entre o topônimo e as unidades do léxico geral, manifestados na ausência de sentido, haja vista que os onomas não têm a propriedade de representar lexicalmente os conceitos que descrevem o universo extralinguístico. Esta tarefa é atribuída às unidades do léxico comum.

Todavia, Dick (1990) alerta para o fato de que não devemos atribuir aos nomes de lugares a função estritamente designativo-referencial, haja vista que os topônimos encerram em si uma significação que, em grande parte dos casos, se torna opaca conforme se distanciam “[...] de suas condicionantes tempo-espaciais”, ou seja, dos fatores que motivaram a adoção do topônimo.

Adiante, apresentamos e descrevemos as UL e demonstramos seus usos no contexto de excertos do banco de dados do DHPB. Em seguida, fazemos as considerações com base na análise dos dados e informações levantados.

2.1 Damasco

Segundo as definições lexicográficas, **damasco** é um tecido de seda encorpado e com desenhos acetinados resultantes do contraste com o fundo fosco constituído pela trama. Ressaltados em relevo, por efeito da luz, os lavores são formados por fios do urdume que “[...] passam sobre os fios da trama, para em seguida serem reintegrados ao tecido.” (PEZZOLO, 2007, p. 105). Assim, também, é uma técnica de tecelagem.

Figueiredo (1899), Silva (1949-1959), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) registram que, conquanto seja originalmente de seda,

há tecidos de lã, linho e algodão imitantes a damasco (chamados de adamascados). Bluteau (1712-1728) acrescenta que há damascos de Castela, da Itália e da Índia, indicando imitações do original. Vieira (1871-1874) registra que fora importado para Portugal pelos genoveses.

Conforme Bluteau (1712-1728, p. 6-7, v. 3), “[...] a invenção veyo da Cidade de Damasco.” Vieira (1871-1874), Figueiredo (1899) e Houaiss (2009) reiteram que o tecido foi primeiramente fabricado nesta cidade. O estudo de Pezzolo (2007), entretanto, informa que esses tecidos de seda trabalhada – isto é, a técnica² de formar desenhos com fios brilhantes – foram inventados pelos chineses e levados para a Europa a partir do Oriente Médio, sendo os damascos vistos pela primeira vez na capital síria pelos cavaleiros das Cruzadas. Deste modo, entendamos que o tecido foi difundido pelo mundo a partir de Damasco, mas sua concepção é chinesa.

Do banco de dados do DHPB, destacamos alguns dos trechos em que ocorre a unidade lexical com a acepção de tecido:

[...] revestidos de vestimenta e dalmaticas de veludo verde e sabastros de brocado muyto rico, que foy da capella d’El-Rey, afora outros 4, que estavam ao redor delle, vestidos com capas novas de **damasco** branco, com os capellos e sabastros ou barras de veludo carmezim. P. LEONARDO DO VALE (1956) [1561], *CARTA DO P. LEONARDO DO VALE POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AO P. DIEGO LAYNES, BAÍA 23 DE SETEMBRO 1561* [A00_0055, p. 447].

Dêtro da Capella mór eftavaõ dous bofetes cubertos cõ panos de **damafco** carmezim, & junto a cada hum eftavaõ dous tamborettes razos; hũ ¶tava da part¶do Evang¶ho, pata all¶stir¶m os R¶r¶dos Conegos Juizes das querelas [...]. DOM SEBASTIÃO MONTEYRO DA VIDE (1720) [1707], *RELAÇAM DA PROCISSAM, & SESCOENS DO SYNODO DIECEFANO, Q SE CELEBROU NA SANTA SÉ METROPOLITANA DA CIDADE DA BAHIA EM 12 DE JUNHO DE 1707* [A00_2467, p. 597].

² “Os chineses também foram os primeiros a utilizar o tear com lançadeiras, com grande número de fios no urdume. Os fios do urdume eram levantados individualmente por ajudantes, possibilitando a criação dos mais complexos desenhos.” (PEZZOLO, 2007, p. 105).

Inventariamos, também, a UL **damasquillo**. De acordo com o cotejo lexicográfico, trata-se de tecido de seda adamascado, porém mais leve, isto é, menos encorpado que o damasco. Vieira (1871-1874) e Silva (1949-1959) informam que pode ser feito de lã. Essa variedade parece não ter perdurado e, logo, a denominação não está mais corrente na língua. Segue o excerto do *corpus* em que consta a UL:

[...] calção e Roupetta e jubão de pano de algodão listrado com huas mangas de **damasquillo** verde em sua avaliação por dous mil e oito sentos Reis [...]. GASPAS DIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAS DIAS PERES (1654)* [A00_0755, p. 18].

Atualmente, ainda fabrica-se o **damasco** ou **adamascado**, também, com fibras não naturais, como o poliéster. Ademais, no séc. XIX, houve grande inovação da técnica de criar desenhos com fios brilhantes: a invenção, pelo francês Joseph-Marie Jacquard, de um tear automático que permitiu a produção mais facilitada dos tecidos adamascados. Utilizado até o presente, “o sistema jacquard inclui cartões perfurados que selecionam e levantam os fios do urdume na sequência desejada [...]” (PEZZOLO, 2007, p. 106).

2.2 Guimarães

Os dicionários consultados não contêm o lema **guimarães** com acepção na área têxtil. Então, não identificamos detalhes acerca deste tecido. No *corpus* do DHPB, localizamos a seguinte ocorrência, datada de meados do século XVIII:

Vieram vinte e cinco arrateis que repartimos, vendo-nos obrigado a desfazer de toalhas e guardanapos de **Guimarães**, que conservavamos em folha para nosso uso. D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ (1869) [1762], *VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO-PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ*. [A00_0740, p. 74].

Bruno (2001), no glossário do quarto volume da obra “Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira”, registra a entrada

guimarães e a define como denominação de tecidos de linho oriundos do concelho de Braga, Portugal. Zimmerman (2017), em seu trabalho sobre as posses materiais de uma família de elite nas Minas Gerais do século XVII, corrobora o autor quando descreve que “[...] Guimarães é o nome de um tipo de pano de linho associado à cidade portuguesa de Guimarães” (ZIMMERMAN, 2017, p. 100, tradução nossa³).

Esta cidade foi notável na produção do linho, comercializado em praças lusitanas e estrangeiras, mormente, Espanha e Brasil: “[...] foi, em suma, desde muito cedo um centro linheiro de referência e, graças à sutileza do seu linho, foi requisitado nos principais mercados internos e internacionais.” (VILAÇA, 2012, p. 213).

A UL **guimarães** tem antecedente antroponímico. A propósito, está presente até hoje como sobrenome de muitas famílias. Ao tratar do superstrato da língua portuguesa, especialmente dos germanismos, Castro (2006, p. 60, grifo do autor) considera que

[...] a camada toponímica germânica do norte de Portugal, Galiza e Espanha foi instalada pela nobreza do séc. IX. *Guimarães* (< VIMARANIS) deriva do nome do conde portugalense Vimara Peres [...].

Assim, do genitivo *vimaranis* advém o topônimo Guimarães. A propósito, o gentílico para o que é natural desta cidade é vimaranense. A mudança fonética V-/G(u) em posição inicial, segundo Moreira (1968, p. 78-79), “[...] é um facto vulgar na antroponímia hispano-goda [...]”, por exemplo, *Vetal/Gueta*, *Vilifonso/Guilifonso*, *Vizoil/Guizoi*, fato que se prolongara para palavras românicas, como *voracel/goraz*, *vomitar/* popular *gomitar*, *vastarel/gastar*.

Motivado pela notoriedade da região alcunhada Guimarães na produção de linho, o nome do tecido veio do léxico toponímico para ser usado no vocabulário comum. Desse modo, o contexto e o valor do produto têxtil foram determinantes para essa inovação lexical.

³ “Guimarães is the name for a type of linen cloth associated with the Portuguese town of Guimarães” (ZIMMERMAN, 2017, p. 100).

2.3 Lona

Conforme os dicionários, **lona** é um tecido de estopa (parte mais grossa do linho), forte e grosseiro, usado para confecção de velas de navios (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1789, 1813; VIEIRA, 1871-1874), bem como para toldos, tendas, sacos etc. (FIGUEIREDO, 1899; SILVA, 1949-1959; FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2009). Ferreira (2004) e Houaiss (2009) registram que há, também, lona de algodão e de cânhamo. No seguinte trecho do *corpus*, atesta-se o emprego de algodão no fabrico:

Pelo que não falta mais agora para estas armadas que as vélas, para o que ha facilissimo remedio, quando as não houver de **lonas** e panno de breu; pois em todos annos se fazem grandes carregações de algodão, de que se dá muito na terra; do qual podem fazer grandes teaes de panno grosso, que é muito bom para velas, de muita dura e muito leves [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *RECURSOS DA BAHIA PARA DEFENDER-SE (PARTE SEGUNDA - TITULO 19)* [A00_0195, p. 426].

Para Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009), a **UL lona** vem do topônimo francês Olonne. Os dois últimos, particularmente, asseveram que o tecido era fabricado nesta cidade francesa. Todavia, para Savary des Bruslons (1748, p. 824, v. 3), o local de fabrico da chamada *petite olone*⁴ é em Medrignac e nas proximidades desta pequena vila da Bretanha. Esclarece, ademais, que não foi produzido na Ville d'Olonne, no litoral da França, sendo o nome do tecido relacionado ao fato de terem sido os *olonois* os primeiros a comerciá-lo, o que destoa da informação dada pelos dicionários Ferreira (2004) e Houaiss (2009).

Do *corpus* do DHPB, citamos mais algumas ocorrências:

Um malotão de **lona** com suas correias de Moscovia, e suas fivelas de latão, em que vai metido o dito altar, que tem duas fechaduras, e sua chave. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO

⁴ Na obra de Savary des Bruslons (1748, p. 824, v. 3) consta *petite olone*: denominação de uma espécie de tela de cânhamo crua, própria para fazer velas de navios e outras embarcações marítimas.

(1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00_0333, p. 381].

[...] 8 Malas de **lona** 20 Pavilhões com seus sarilhos, para guarda das armas, chumbo de pólvora [...]. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1753], *RELAÇÃO DAS MUNIÇÕES E PETRECHOS ENVIADA AO REINO PARA O PARÁ, ANO DE 1753* [A00_0332, p. 351].

[...] **Lona** para coberta 17 varas 6\$400 Liage p.^a tolda e sacos [...]. LUIZ ANTONIO DE SOUZA BOTELHO MOURÃO (1952) [1766], *CARTA PARA CONDE DE CUNHA - VICE-REI SÔBRE PARTIDAS DAS MONÇÔES* [A00_1608, p. 24].

Atenta porem a importação dos generos de 1º necessidade, de que ali se carece como seja toda a qualidade de vestuario, azeite, vinagre, vinho, ferragens, cobre, chumbo, estanho, louça, cordagens. **lona**, breu, etc [...]. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1801], *CARTA DECIMA SETIMA*: [A00_0843, p. 631].

Notamos que a **lona** se applicava, também, na feitura de malotão, mala e coberta, por exemplo. O último trecho supracitado, datado de 1801, ressalta que esse têxtil achava-se entre os itens de primeira necessidade na época.

A UL **lona** é ainda corrente no português. Os avanços da indústria têxtil possibilitaram que o tecido passasse, além dos tradicionais (linho, cânhamo e algodão), a ter outros materiais em sua composição, como os acrílicos, sintéticos e plásticos, mas manteve-se sua propriedade (ou, pelo viés semântico, o sema) de ser “resistente”, uma vez que servira, num primeiro momento, ao fabrico de velas de navios e, depois, de sacos, barracas, toldos (coberturas, em geral), malas, mochilas, revestimentos, enfim, a uma infinidade de produtos.

2.4 Londres

Nos dicionários, são ínfimas as informações sobre o tecido denominado **londres**. Apenas Figueiredo (1899) e Silva (1949-1959) trazem o lema, resumindo-se a defini-lo como espécie de tecido antigo que se fabricava em Londres, capital inglesa, e Bluteau (1712-1728), embora não o apresente na nomenclatura, cita “pano Londres” no

verbetes de **pano**, quando dá exemplos de panos que se distinguem pelos nomes das terras de onde provieram.

Savary des Bruslons (1748, p. 185, v. 3, tradução nossa⁵) descreve *londres* como “espécie de panos de lã destinados ao comércio no Levante; são fabricados na França [...]. A origem do nome Londres atribuído a estes panos parece ser a mesma dos tecidos *londrins*.”, ou seja, do topônimo Londres. Na entrada *londrins*, o autor detalha que, muito antes dos franceses, os ingleses comerciaram os referidos tecidos de lã no Levante, o que permite afirmar que os britânicos os inventaram e, na França, foi feita uma imitação. De acordo com Zimmerman (2017), os têxteis de lã britânicos eram tão populares que produtores franceses chamaram seus lanifícios de *londrins*, para associá-los à cidade de Londres.

Diante do exposto, itera-se que os tecidos com o nome de um local não eram necessariamente fabricados lá. A exemplo dos *londres* e *londrins*, certos tecidos afamados foram frequentemente imitados em outros lugares.

Na sequência, dispomos o trecho do banco de dados do DHPB em que consta a UL *londres*:

A minima parte destas drogas gasta o nosso Portugal o mais sacão os estrangeiros por troco das roupas e mantimentos de ã o R^{no} padece falta, e como estas ja não poderia escuzar, permanecendo no luxo das olandas, Cambraes, **londres**, galas; sê tornar ao parco uso dos antigos (que ja sera impossuiel) contentandose de seu linho beiraõ e Lam d'Alemtejo. desconhecido (1958) [1607], *MEMORIAL DO ESTADO DO BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627 (131)* [A00_2113, p. 316-317].

2.5 Osteda

A UL **osteda** os dicionários definem como pano de lã, com ou sem festo. Segundo Bluteau (1712-1728), há tipos diferentes de ostedas: osteda de festo, osteda ordinária sem festo e osteda estreita.

⁵ “Espece de draps de laine destinés pour le négoce du Levant; ils se manufacturer en France [...]. L'origine du nom de Londres que l'on donne à ces draps paroît être la même que celle draps londrins.” (SAVARY DES BRUSLONS, p. 185, v. 3).

No suplemento, Bluteau (1712-1728, p. 315, v. 9) contém o lema **usteda de festo**, sendo “certo panno de seda, adamascado, ou com ramos de outra cor.” Silva (1813) e Vieira (1871-1874) indicam que esse tecido foi antigamente fabricado em Ostende (Oostende), cidade belga da qual, *a priori*, tomara o nome.

No banco de dados do DHPB, têm-se as seguintes ocorrências:

Uma vestimenta de **osteda** com estóla, manipulo, almofada para o Missal, e bolsa de corporais com três véus de calices de nobrêsa, branco, vermelho e rôxo, tudo com guarnições de retrós côr de ouro. Um frontal da dita **Osteda** com as mesmas guarnições e franjas de retrós côr de ouro, para servir, das ditas três côres branca, vermelha e rôxa, como também a casula, e seus pertences. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00_0333, p. 381].

As poucas informações sobre a UL **osteda** instigou-nos a ir mais a fundo na pesquisa, principalmente, porque Savary des Bruslons (1748), no verbete *ostade*⁶, não faz alusão alguma à cidade belga de Ostende. No “Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500)”, o lema *ostade* é definido como “estofa fino de lã, sarja fabricada na Inglaterra” (DMF, 2015, tradução nossa⁷). O DMF (2015) remete, então, para outras fontes, como Godefroy (1888, p. 653, v. 5), o qual elenca as variantes *hostade*, *austade*, *estade* e diz consistir numa espécie de sarja⁸. Em Du Cange *et al.* (1883-1887), P. Carpentier (1766), no lema *ostada*, elenca ocorrências desta unidade lexical e de *ostade* datadas dos anos 1395, 1425 e 1457, e a definição também alude a um tecido de lã.

Thomas (1897), no “Essais de philologie française”, diz que a *ostade* é um tecido conhecido na França desde os fins do século XIV até o começo do século XVII. De acordo com o autor, “Não há dúvida que a palavra francesa é uma alteração do inglês *worsted* [...] que nada mais é do que um nome de lugar, na região de Norfolk.” (THOMAS,

⁶ Savary des Bruslons (1748, p. 650, v. 5) descreve *ostade* como pano de lã cuja utilização foi totalmente perdida.

⁷ “Étoffe de laine légèrè, serge fabriquéè en Angleterre”. (DMF, 2015).

⁸ Sarja: “[...] § Tecido leve de seda, ou lã, como huma especie de trançado.” (SILVA, 1813, p. 670, v. 2).

1897, p. 342-343, tradução nossa⁹). O autor refere-se à vila de Worstead, no condado inglês de Norfolk. Portanto, corrobora o DMF (2015), segundo o qual *ostade* é um tecido outrora fabricado na Inglaterra.

Wartburg (2003), no “Französisches Etymologisches Wörterbuch” (FEW), traz o lema *worsted*, no qual relaciona as variantes *wastarde*, *ostada*, *osteda*, *oustodo*, *hosteda*, *ostade*, *ostede* identificadas em textos dos séculos XIV ao XVII. Vale citar a ocorrência da palavra *hosteda* nos arquivos municipais da vila francesa de Périgueux, em um inventário do ano 1428: “90. Item juponem de **hosteda** de pertico.” (COMITÉ, 1907, p. 191, grifo nosso). Para Wartburg (2003, p. 613, v. 17), Worstead é conhecida por sua produção têxtil, tendo o nome transferido para o tecido cuja exportação para a França é constatada desde 1364.

Conforme o “Oxford English Dictionary” (OED, 1928, p. 324, v. 10, parte 2, tradução nossa¹⁰), *worsted* é “um tecido de lã feito de fios bem torcidos, fiados com fibra longa e penteada para deixar as fibras paralelas”. A primeira atestação de *worsted* listada nesta obra, com acepção de tecido, data de um texto de 1293. Consoante o OED (1928), a palavra provém do nome de uma freguesia de Norfolk, ao norte de Norwich – Wurðestede (em inglês antigo), atualmente, Worstead, o que itera Thomas (1897) e Wartburg (2003).

Em face deste preâmbulo pelas fontes supracitadas, notamos ausência da associação do fr. *ostade* e suas respectivas variantes ao topônimo belga Ostende¹¹, como sinalizam Silva (1813) e Vieira (1871-1874) para o português **osteda**, evidenciando um equívoco, talvez, pela semelhança desta com Ostende. Assim, consideramos plausível a proposição de que o fr. *ostade* se originou do topônimo inglês Worstead.

⁹ “Il n'est pas douteux, en effet, que le mot français soit une altération de l'anglais *worsted* [...] qui n'est autre chose qu'un nom de lieu, dans le canton de Norfolk.” (THOMAS, 1897, p. 342-343).

¹⁰ “A woollen fabric or stuff made from well-twisted yarn spun of long-staple wool combed to lay the fibres parallel.” (OED, 1928, p. 324, v. 10, parte 2).

¹¹ Ao versar sobre **Ostende**, Savary de Bruslons (1748, p. 650, v. 3) não se reporta à produção têxtil, informando apenas que se trata de uma cidade e porto e que as outras cidades de Flandres e do Brabante faziam seus negócios, sobretudo, por meio dos navios mercantes que lá se equipavam. Destarte, compreendemos que Ostende foi um porto com alguma importância.

Na língua portuguesa, constatamos **osteda** – no *corpus* do DHPB e nos dicionários Silva (1813, 1949-1959) e Vieira (1871-1874) – **usteda**¹² – em Bluteau (1712-1728), Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) – e **husteda** – em Silva (1813) e Vieira (1871-1874). Nenhuma destas formas está contida no VOLP.

2.6 Tabi

Para Bluteau (1712-1728, p. 7, v. 8), **tabi** é

Hum panno de seda. He hum tafetá grosso, passado por hum instrumento Cylindrico, a que chamão *Calandra*, do qual recebe huns reflexos a modo de ondas. [...] No seu Lexicon deriva Hofmãno *Tabi* de hũa Cidade do mesmo nome, donde parece sahio este genero de seda.

Silva (1789, 1813, 1949-1959), Vieira (1871-1874), Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009), sucintos, definem o tecido como tafetá grosso ondado. Neste caso, tafetá refere-se ao tipo de ligamento ou armação, também conhecido como tela, no qual “[...] o fio da trama cruza-se com o do urdume, com um fio por cima e outro por baixo, sucessivamente, o que provoca um efeito encorpado.” (CHATAIGNIER, 2006, p. 157). Convém fazer tal distinção porque também se denomina tafetá o tecido com este tipo de ligamento, mas com tramas de fios finíssimos, originalmente, de seda.

Estas obras lexicográficas da língua portuguesa ratificam as definições de Du Cange *et al.* (1883-1887) para os lemas *thabit* – *Pannus sericus undulatus* – e *atabi* – *Panni species*. O último atestado em um documento de 1295.

Segundo Savary des Bruslons (1748), *tabis* é uma:

¹² Localizamos a forma **usteda** no seguinte excerto do “Cancioneiro Geral” reunido por Garcia de Resende (1470-1536) e impresso em 1516, em Lisboa, na oficina de Hermão de Campos: “[...] Loba d'Ipre pespontada, / mangas d'**usteda** ou solia, / beeca curta & engraxada, / barba d'um dia rrapada / & de ous meses trosquya.” (p. 589). Disponível em: <http://bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=358#>. Acesso em: 18 set. 2019.

Espécie de grosso tafetá ondulado que se fabrica como o tafetá comum, porém com urdidura e trama mais fortes; damos o ondulado ao tabi por meio da calandra cujos rolos de ferro ou cobre são assimetricamente esculpidos e, pressionados sobre o tecido, tornam a superfície desigual; de modo que reflita a luz variavelmente [...]. (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 277-278, v. 3, tradução nossa¹³).

Percebemos, então, um detalhamento que se assemelha à definição de Bluteau (1712-1728), que explicita o processo de acabamento têxtil (calandragem) ao qual o tabi é submetido. No *corpus* do DHPB, temos a seguinte ocorrência datada de meados do século XVII:

[...] hum armador de **tabi** branco, E acabelado em sua avaliação de quatro mil rs 4000 [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00_0757, p. 275].

De acordo Zaidan (2010, p. 260), na obra “Letras e História: mil palavras árabes na língua portuguesa”, a UL **tabi** provém do árabe *attabi*; “em Bagdá existe um bairro chamado *Al-Attabi*, onde se fabrica esse tecido.” Nascentes (1955, p. 482), igualmente, considera que **tabi** se originou “do ár. *attabi*, do bairro de Atabi, em Bagdá, assim chamado do nome de um bisneto de Omaiá, o fundador da dinastia dos Omíades (Dozy, Lokototsch)”. Dessa forma, a palavra remonta a um topônimo árabe (nome de um bairro bagdali, onde se produzia o tecido) que, por sua vez, tomou emprestado um antropônimo (nome do bisneto de Omaiá).

No Quadro 1, sintetizamos as relações entre as denominações dos tecidos e os nomes dos seus lugares de origem ou difusão.

¹³ “Espece de gros taffetas ondé qui se fabrique comme le taffetas ordinaire, hors qu'il est plus fort en chaîne & en tréme; on donne des ondes aux tabis par le moyen de la calandre dont les rouleaux de fer ou de cuivre diversement gravés, & appuyant inégalemant sur l'étoffe, en rendent la superficie inégale; ensorte qu'elle réfléchit diversement la lumiere [...]” (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 277-278, v. 3).

Quadro 1 – Onoma, unidade do léxico comum e suas motivações.

Denominação do tecido	Motivação denominativa e especificações
damasco	Topônimo Damasco, capital da Síria – local de difusão do tecido, sem ser, de fato, o seu lugar original de produção.
guimarães	Topônimo Guimarães, cidade de Portugal – local original de produção do tecido.
lona	Topônimo Ville d’Olonne, cidade da França – local de difusão do tecido, sem ser, de fato, o seu lugar original de produção.
londres	Topônimo Londres, capital da Inglaterra – local original de produção do tecido.
osteda	Topônimo Worstead, cidade/freguesia da Inglaterra – local original de produção do tecido.
tabi	Topônimo Al-Attabi, bairro de Bagdá, capital do Iraque – local original de produção do tecido.

Org.: os autores (2019)

Considerações finais

Apresentamos seis denominações têxteis associadas a topônimos de diferentes locais e percebemos que esta estratégia denominativa não se restringe a indicar propriamente o local de origem, pois verificamos que pode sinalizar o local de difusão. **Lona**, por exemplo, se difundiu a partir da Ville d’Olonne, mas era fabricada, a princípio, na região da Bretanha. Como se destinava, sobretudo, à confecção de velas para embarcações, talvez, o fato de a cidade estar no litoral tenha propiciado o comércio e, assim, esta foi mais expressiva e influente que o local de fabricação. O **guimarães**, por sua vez, remonta ao topônimo do lugar cuja produção de linho fora eminente em Portugal.

Nesta perspectiva, entre os nomes analisados, há em comum o contexto, o valor e a notoriedade subjacentes. A importância referencial que topônimos adquiriram por meio de um produto, por exemplo, torna-os propensos a serem atribuídos para denominá-lo. Compreendemos que isso ocorre há séculos em muitas culturas, figurando um dos fatores fomentadores da inovação lexical. São, por assim dizer, escolhas lexicais que visam à realização de determinados

fins. Um nome bem escolhido poder evocar informações importantes. Por exemplo, que os panos **guimarães** são de um linho de excelente qualidade.

Seguramente, podemos inferir que **tabi**, **damasco**, **lona**, **londres** e **osteda**, atualizadas no vocabulário comum com acepção de tecido, constituíram “empréstimos culturais”, isto é, decorrentes de contatos sociopolíticos e comerciais entre povos (BLOOMFIELD, 1961). Contudo, não é desiderato, neste momento, proceder a uma reconstrução dos trajetos precisos das palavras alógenas até o português, deixando de remissa para outros trabalhos.

Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: EFMS, 2001. p. 13-22.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.

BLUTEAU, D. Raphael. **Vocabulario Portuguez e Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728.10 v.

BRUNO, Ernani Silva. **Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira 4: objetos**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001.

CASTRO, Ivo. **Introdução à História do português**. 2. ed. Lisboa: Colibri, 2006.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

COMITÉ des Travaux Historiques et Scientifiques (France). **Bulletin archéologique du Comité des travaux historiques et scientifiques**. Paris: Imprimerie Nationale, 1907. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2033352/f332.image.r=hosteda>. Acesso em: 10 abr. 2019.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**: Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1987.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

DMF - Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500). [s. l.]: CNRS & Université de Lorraine, 2015. Disponível em: <http://www.atilf.fr/dmf/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

DU CANGE *et al.* **Glossarium mediae et infimae latinitatis**. Niort: L. Favre, 1883-1887. Disponível em: <http://ducange.enc.sorbonne.fr/ATTABI?clear=1>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0**. Curitiba: Positivo Informática, 2004. (CD-ROM).

FIGUEIREDO, Cândido de. **Nôvo dicionário da língua portuguesa**: compreendendo além do vocabulário commum aos mais modernos dicionários da língua... Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899. 2 v.

GODEFROY, Frédéric. **Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX^e au XV^e siècle**. Paris: F. Vieweg, 1888. v. 5. Disponível em: <http://micmap.org/dicfro/search/dictionnaire-godefroy/ostade>. Acesso em: 11 set. 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão 3.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MOREIRA, Domingos A. Sobre o antropónimo Vímara. **Boletim cultural da Câmara Municipal do Porto**, Porto, v. 31, fasc. 1-2, p. 75-91, 1968.

MURAKAWA, Clotilde de A. Azevedo. Dicionário Histórico do Português do Brasil: testemunho lexical da língua portuguesa no Brasil Colônia. **Debate Terminológico**, n. 14, p. 75-88, 2015.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 1955. Disponível em: <https://archive.org/details/AntenorNascentesDicionarioEtimologicoDaLinguaPortuguesaTomol>. Acesso em: 20 abr. 2019.

OED – Oxford English Dictionary. Oxford: Clarendon Press, 1928. v. 10, parte 2. Disponível em: <https://archive.org/details/oedxbarch/page/n5>. Acesso em: 22 mar. 2019.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

PIEL, Joseph M. **Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

SAVARY DES BRUSLONS, Jacques. **Dictionnaire universel de commerce**. Nouvelle edition. Paris: Estienne et fils, 1748. Disponível em: volume 1: <https://bit.ly/2LXJ66m>; volume 2: <https://bit.ly/2weii7m>; volume 3: <https://bit.ly/2WYqO66>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia na Região do Carmo**. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza**. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2 v.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza** - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda

edição novamente emendado e muito acrescentado... 2 ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2 v.

SILVA, Antonio de Moraes. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Organização de Augusto Moreno, Cardoso Junior e José Pedro Machado. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-1959. 12 v.

THOMAS, Antoine. **Essais de philologie française**. Paris: Librairie Émile Bouillon, 1897. Disponível em: <https://archive.org/details/essaisdephilolog00thomuoft/page/342>. Acesso em: 11 set. 2019.

VERDELHO, Telmo. **As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas**. Aveiro: Instituto Nacional da Investigação Científica, 1995.

VIEIRA, Fr. Domingos. **Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portueguez**. Porto: Ernesto Chradron e Bartholomeu H. de Moraes Editores, 1871-1874. 5 v.

VILAÇA, Olanda. **Cultura material e patrimônio móvel no mundo rural do Baixo Minho em finais do Antigo Regime**. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 2012.

VOLP - **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5. ed. Editora Global, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 06 jan. 2018.

WARTBURG, Walther von. **Französisches Etymologisches Wörterbuch**. Eine darstellung des galloromanischen sprachschatzes. Bonn / Heidelberg, Leipzig / Berlin, Basel: 2003. Disponível em: <https://apps.atilf.fr/lecteurFEW/lire/170/612?DMF>. Acesso em: 9 abr. 2019.

ZAIDAN, Assaad. **Letras e História**: mil palavras árabes na língua portuguesa. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Escrituras Editora: EDUSP, 2010.

ZIMMERMAN, Rachel A. **Global luxuries at home**: the material possessions of an elite family in Eighteenth-Century Minas Gerais, Brazil. 2017. Tesis (Doctor of Philosophy in Art History) – Department of Art History, University of Delaware, Delaware, 2017. Disponível em: <http://udspace.udel.edu/handle/19716/21831>. Acesso em: 22 mar. 2019.

Recebido em: 24/04/2019

Aceito em: 30/06/2019